

# “O Brasil precisa reajustar o diesel e Lula tem de entender”, diz ex-presidente da Petrobras

Category: BRASIL,GERAL

escrito por Ayumi Yohanna Miyamoto | 31 de março de 2026



O governo brasileiro vai precisar reajustar o preço do diesel entre R\$ 0,22 e R\$ 0,38 por litro vendido às distribuidoras se, até o feriado da Semana Santa, a guerra do Irã e Estados Unidos continuar escalando. E o calendário eleitoral não pode ser um impeditivo para esta decisão.

A avaliação é de Jean Paul Prates, presidente da Petrobras entre janeiro de 2023 e maio de 2024, e responsável pelo programa de governo de Luiz Inácio Lula da Silva na área de petróleo e gás na campanha de 2022.

“A Petrobras não pode prejudicar o acionista para assumir todo esse ônus sozinha. Ela fez um aumento e, se tiver que fazer outro, vai fazer. E o presidente tem de entender. Se vai atrapalhar a eleição, desculpe”, diz Prates, em entrevista ao NeoFeed.

De qualquer forma, ele reconhece que, por ter o governo como acionista majoritário, a empresa precisa dar uma cota de contribuição para aliviar o impacto da guerra no bolso do motorista.

“Ela tem o ônus e o bônus de ter o estado como sócio. A empresa ganha muito por ser sócia do governo. Você tem de ser habilidoso e perito em gangorra. De vez em quando, ela tem que cumprir esse papel, como a Total faz na França, como a Equinor faz na Noruega. Mas isso tem limite”, avalia Prates.

A Petrobras, em 14 de março, anunciou um aumento também de R\$ 0,38 para as distribuidoras. O aumento representou uma alta de R\$ 0,32 nas bombas. Por sua vez, o governo anunciou um pacote de medidas, que incluiu a isenção das alíquotas de PIS e Confins, além de subvenção ao imposto do diesel importado. A iniciativa resultou em uma renúncia fiscal de R\$ 30 bilhões.

Para Prates, a ação do governo para tentar evitar o desabastecimento era realmente a que deveria ter sido feito neste momento. Mas, segundo ele, a fonte de recurso para este benefício é errada. Deveria sair do próprio lucro da Petrobras.

“Hoje o governo está tirando do imposto e entendo que deveria ser outro caminho. Minha proposta é usar a conta de estabilização alimentada por receitas extraordinárias de royalties, que são elevados em momentos de alta internacional. Quando o preço do petróleo sobe por um choque externo, parte dessa receita extra deveria financiar a subvenção.”

A valorização do barril do petróleo em março está acima de 50% e pode ser a maior para um mês desde setembro de 1990, quando a Guerra do Golfo fez a commodity subir 46,2%. Com novas tensões no Oriente Médio, na segunda-feira, 30 de março, o tipo Brent fechou cotado a US\$ 107,98.

Para o ex-presidente da Petrobras, o governo erra em iniciar uma discussão em torno de uma possível reestatização da Vibra, antiga estatal BR Distribuidora, com o controle sendo vendido em 2019, e finalizado em 2021, durante o governo de Jair Bolsonaro.

“Em vez de improvisar uma reestatização, o caminho factível é

conversar com os acionistas da Vibra e negociar uma recomposição gradual de participação. Por exemplo, começar com 20% e progredir, ajustando cláusulas contratuais e removendo obstáculos societários.”

Prates afirma que iniciou essa discussão ainda em sua gestão, mas, por causa de sua saída repentina, a discussão parou.

Em 2026, as ações da Petrobras acumulam valorização de 61,7%. A companhia está avaliada em R\$ 676,7 bilhões.

O Brasil vive um momento pré-eleitoral, em meio a uma guerra e uma crise de desabastecimento de diesel. O momento é de reajuste?

A eleição é um fator presente, mas não pode paralisar decisões técnicas. Se a guerra internacional se estender, vai ser necessário fazer ajuste. Já subiu R\$ 0,38, mas pode ser necessário mais, entre R\$ 0,22 e R\$ 0,38, em etapas, explicando à sociedade que é uma medida temporária e que, quando a tensão diminuir, os preços voltarão a cair.

## **E qual o melhor momento para isso?**

É melhor fazer agora, que ainda tem muito tempo para a eleição. Depois, dá para explicar para o eleitor e dizer: “Olha, teve que subir. Vocês não estão vendo que tem uma guerra? Isso não é culpa nossa.” O mundo inteiro está fazendo racionamento de combustível. Precisa dizer que, na Coreia do Sul, as escolas estão funcionando só três dias da semana e, no Vietnã, estão regulando a temperatura do ar-condicionado.

## **Até quando a Petrobras poderia segurar um novo reajuste?**

A Petrobras tem um limite. Não dá para deixar a corda esticando deste jeito. Vai chegar um momento que a empresa vai dizer: “Eu já fiz a minha parte. Mais do que isso eu não posso

ir.” Ela não pode prejudicar o acionista para assumir todo esse ônus sozinha. Ela fez um aumento e, se tiver que fazer outro, vai fazer. E o presidente tem de entender. Se vai atrapalhar a eleição, desculpe. Depois que façam um esforço de recuperação. Se não subir neste momento, vai ficar ruim. Há situações que não se tem o controle. Precisa ser habilidoso para explicar isso para a população. Precisa dizer que, se houver uma inflação, medidas vão ser tomadas para mudar isso.

## **A única saída para não faltar combustível é reajustar?**

Não necessariamente. Primeiro avalia-se o efeito das medidas já tomadas, como as subvenções e isenções de impostos, como o ICMS, em parceria com os estados. Se necessário, após uma semana de avaliação, logo após a Semana Santa, pode-se reajustar até perto de R\$ 0,40. Uma possível subvenção adicional reduz a necessidade de um reajuste. Mas tudo depende do pacote final do governo.

## **De onde deveria sair a subvenção?**

Hoje o governo está tirando do imposto e entendo que deveria ser outro caminho. Minha proposta é usar a conta de estabilização alimentada por receitas extraordinárias de royalties, que são elevados em momentos de alta internacional. Quando o preço do petróleo sobe por um choque externo, parte dessa receita extra deveria financiar a subvenção. Esse é o conceito de uma conta de estabilização, ou seja, usar ganhos inesperados para suavizar impactos no mercado interno. Pega uma parte dessa receita e dá para o consumidor brasileiro. Não custa nada.

## **Por que a Petrobras ainda não avaliou isso?**

Devem estar conversando com o governo. A Petrobras precisa

saber qual será o pacote para calcular quanto vai poder segurar sem prejuízo. Pode ser necessário esse reajuste em até 15 dias, dependendo da segunda fase de subvenção.

## **Mas não há um lado social que a Petrobras precisa levar em consideração?**

Ela tem o ônus e o bônus de ter o estado como sócio. A empresa ganha muito por ser sócia do governo. Você tem de ser habilidoso e perito em gangorra. De vez em quando, ela tem que cumprir esse papel, como a Total faz na França, como a Equinor faz na Noruega. Mas isso tem limite.

## **Como o senhor lidou com crises parecidas com esta?**

Não há uma crise mais grave do que a crise política que enfrentei. As outras são crises do próprio negócio. O setor de petróleo, ainda mais em uma estatal de capital aberto, é uma gangorra. Você precisa saber operar essa gangorra. Nós executamos o programa de governo aprovado nas urnas. O presidente [Lula] nunca me ligou para mandar baixar preço. Nunca aconteceu. Expliquei isso ao mercado o tempo todo: não havia intervenção. Havia uma estratégia clara. E, na questão de preços, entregamos.

## **Qual era a missão?**

Tirar a Petrobras do PPI, a paridade de importação, que indexava o preço ao mercado de Rotterdam mais os custos de colocação no Brasil. Isso era absurdo para um país autossuficiente em petróleo com refinarias próprias. A medida favorecia importadores e fazia a Petrobras perder mercado em regiões como o Amazonas.

## **Por que isso prejudicava a Petrobras?**

Porque o preço praticado favorecia o importado. Estávamos oferecendo o melhor preço para o pior concorrente. O sistema de paridade permitia que exportadores ineficientes entrassem no Brasil. A solução foi praticar preço de mercado brasileiro, não preço de importação.

## **Quando isso foi implementado?**

Conversei com o mercado antes da eleição de 2022 e garanti que a mudança viria. Fui transparente: a política de preços mudaria porque era racional. Se mantivéssemos o PPI, haveria ganhos no curto prazo, mas a empresa perderia competitividade e sustentabilidade no médio prazo. Em 2023, com o fim da paridade de importação, recuperamos market share e apresentamos o melhor resultado da história da empresa, sem venda de ativos. Também reduzimos o dividendo obrigatório de 60% para 45%.

## **Como isso se compara ao momento atual?**

Quando foi preciso aumentar, levei a proposta ao presidente e disse que era inevitável. Fizemos aumentos e depois reduções. No balanço geral, desde 2022 os combustíveis caíram entre 15% e 20%. Hoje, há defasagem. Eu conversaria com o presidente para ajustar um pouco e depois segurar a redução até que os estoques comprados a preço alto sejam repostos.

## **Há defasagem no cenário atual?**

Preço não é estático. Há momentos de alta e baixa. Quando foi necessário aumentar, era inevitável. Mas depois reduzimos. No saldo, houve queda relevante nos combustíveis. O que fizemos foi abasileirar o preço e isso levou à redução ao longo do tempo.

## **O que o senhor faria hoje?**

Estaria dialogando com o governo para um ajuste pontual, para evitar uma defasagem maior. Depois, seguraria eventuais reduções por um período, por causa do efeito de estoque, o que é normal na indústria.

## **Todos os combustíveis estão pressionados?**

Não. O problema principal é o diesel. A gasolina não teve aumento na refinaria. Quando há alta na ponta, isso tende a ser distorção na cadeia, algo que deve ser fiscalizado.

## **Está faltando fiscalização de postos e distribuidoras?**

A fiscalização tem funcionado, mas é preciso investigar aumentos caso a caso. Distribuidoras podem diluir custos regionais. A Petrobras não controla toda a cadeia de distribuição.

O setor de biodiesel está reivindicando acesso à subvenção dada ao diesel. Qual sua avaliação?

Eles não têm do que reclamar. O setor tem várias subvenções e mecanismos de apoio. Também há uma reserva de mercado nacional. Em qualquer lugar, é preciso comprar biodiesel para realizar a mistura com o diesel [hoje está em 15%]. A cota de biodiesel deveria ser regionalizada para evitar deslocamento desnecessário de produto. Não faz sentido essa reclamação do setor. Os caminhões que levam o biodiesel são abastecidos com diesel. Não dá.

## **O Brasil precisará construir mais refinarias?**

Não necessariamente. Com upgrades e conversões, a demanda por diesel fóssil tende a desacelerar. Investir em modernização e

biorefinarias pode evitar a necessidade de novas refinarias.

## **O governo Lula tem agido corretamente nesta crise?**

No geral, sim. As medidas emergenciais foram adequadas. Eu faria ajustes finos, como estruturar a conta de estabilização para que, na próxima crise, haja mecanismo pronto em vez de medidas improvisadas.

## **Qual é o principal ensinamento?**

Planejamento estratégico contínuo. O setor de energia é complexo e não pode ficar à mercê de lobbies ou decisões de curto prazo. É preciso ouvir mais agentes e equilibrar interesses.

## **Qual sua avaliação sobre a discussão em torno da criação de uma nova estatal, nos moldes da BR Distribuidora?**

A ideia de criar uma estatal a partir da BR foi, na minha avaliação, um balão de ensaio sem base técnica. A BR [agora Vibra] foi vendida e o contrato de marca e franquia foi mal estruturado. Em vez de improvisar uma reestatização, o caminho factível é conversar com os acionistas da Vibra e negociar uma recomposição gradual de participação. Por exemplo, começar com 20% e progredir, ajustando cláusulas contratuais e removendo obstáculos societários.

## **O senhor tentou retomar a participação acionária na Vibra?**

Sim. Havia conversas com a direção da Vibra e acordos sobre a não renovação do contrato de marca a partir de 2029. Também se discutiu a possibilidade de recomprar participação gradualmente. Tudo isso foi tratado nos bastidores. E, com

minha saída, o processo perdeu fôlego.

## **Na sua avaliação, a BR foi mal vendida?**

Sim. A venda e o contrato de franquia foram malfeitos. Quem comprou agiu dentro das regras e o erro foi de quem vendeu. Para reverter ou mitigar, é preciso negociação de mercado, não expropriação.

Fonte: Neofeed e Publicado Por: Jornal Folha do Progresso  
31/03/2026/14:12:01

*O formato de distribuição de notícias do [Jornal Folha do Progresso](#) pelo celular mudou. A partir de agora, as notícias chegarão diretamente pelo formato Comunidades, ou pelo canal uma das inovações lançadas pelo WhatsApp. Não é preciso ser assinante para receber o serviço. Assim, o internauta pode ter, na palma da mão, matérias verificadas e com credibilidade. Para passar a [receber as notícias](#) do Jornal Folha do Progresso, clique nos links abaixo siga nossas redes sociais:c*

- [Clique aqui e nos siga no X](#)
- [Clica aqui e siga nosso Instagram](#)
- [Clique aqui e siga nossa página no Facebook](#)
- [Clique aqui e acesse o nosso canal no WhatsApp](#)
- [Clique aqui e acesse a comunidade do Jornal Folha do Progresso](#)

*Apenas os administradores do grupo poderão mandar mensagens e saber quem são os integrantes da comunidade. Dessa forma, evitamos qualquer tipo de interação indevida. Sugestão de pauta enviar no e-mail: [folhadoprogreso.jornal@gmail.com](mailto:folhadoprogreso.jornal@gmail.com).*

**Envie vídeos, fotos e sugestões de pauta para a redação do JFP**

**(JORNAL FOLHA DO PROGRESSO) Telefones: WhatsApp [\(93\) 98404 6835](tel:55519984046835)– (93) 98117 7649.**

“Informação publicada é informação pública. Porém, para chegar até você, um grupo de pessoas trabalhou para isso. Seja ético. Copiou? Informe a fonte.”

*Publicado por Jornal Folha do Progresso, Fone para contato 93 981177649 (Tim) WhatsApp: [-93- 984046835](tel:55519984046835) (Claro)  
- Site: [www.folhadoprogresso.com.br](http://www.folhadoprogresso.com.br) e-mail: [folhadoprogresso.jornal@gmail.com](mailto:folhadoprogresso.jornal@gmail.com)/ou e-mail: [adeciopiran.blog@gmail.com](mailto:adeciopiran.blog@gmail.com)*

[O papel da publicidade online no crescimento dos negócios digitais](#)